



IDENTIDADE: O QUE NOS DIFERENCIA E O QUE NOS UNE ENQUANTO GRUPO – UM OLHAR PARA A COMUNIDADE RIBEIRINHA DE NAZARÉ-RONDÔNIA

IDENTITY: WHAT DIFFERENCES US AND WHAT UNITES US AS A GROUP – A LOOK AT THE RIVERINE COMMUNITY OF NAZARÉ-RONDÔNIA

Rubia Elza Martins de Sousa – UEMS – Dourados – Mato Grosso do Sul – Brasil
rrubiaelza@gmail.com

RESUMO

Este artigo originou-se de reflexões que foram realizadas sobre o viver da comunidade de Nazaré, levando em conta as relações que os moradores estabelecem no/com o espaço. As reflexões empreendidas aportam-se em seis anos de pesquisa junto à comunidade. Assim sendo, este trabalho objetivou identificar e analisar aspectos da vida social desta comunidade, a partir da categoria identidade e das implicações teóricas e práticas que esta abarca. A comunidade ribeirinha de Nazaré, *lôcus* desta pesquisa, localiza-se na margem esquerda do Rio Madeira, a sua jusante, na região do Baixo Madeira, a, aproximadamente, 120 quilômetro de Porto Velho-RO. Metodologicamente, este estudo se configurou como qualitativo e os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, caracterizada pela realização de entrevistas com roteiro semiestruturado e por conversas informais, bem como pela elaboração de diário de campo e participação em eventos e reuniões que aconteceram na comunidade. A pesquisa apontou características ligadas ao viver da comunidade que remetem à distinções no que tange a identidade, sobretudo, entre homens e mulheres, mas também constatou elementos que os(as) unem, demarcando a identidade do grupo.

Palavras-chave: Identidade; Identidade e diferença; Comunidade ribeirinha de Nazaré; Identidade ribeirinha amazônica.

ABSTRACT

This article originated from reflections that were carried out on the life of the Nazaré community, taking into account the relationships that residents establish in/with the space. The reflections undertaken are based on six years of research with the community. Therefore, this work aimed to identify and analyze aspects of the social life of this community, based on the identity category and the theoretical and practical implications it encompasses. The riverside community of Nazaré, the locus of this research, is located on the left bank of the Madeira River, downstream, in the Baixo Madeira region, approximately 120 kilometers from Porto Velho-RO. Methodologically, this study was configured as qualitative and the methodological

procedures used were bibliographical research and field research, characterized by semi-structured scripted interviews and informal conversations, as well as the preparation of a field diary and participation in events and meetings. that happened in the community. The research highlighted characteristics linked to community life that refer to distinctions in terms of identity, especially between men and women, but also found elements that unite them, demarcating the group's identity.

Keywords: Identity; Identity and difference; Riverside community of Nazaré; Amazon riverside identity.

INTRODUÇÃO

A identidade é fruto de uma construção sociocultural que se dá ao longo da vida, estruturada por meio dos vínculos que o indivíduo estabelece com o espaço e com o outro. Esta relação se expressa pelo contraste, pela lacuna, por aquilo que não é, aquilo que não se apresenta, aquilo que inclui e exclui, ou seja, a identidade é sempre relacional, sendo evidenciada e marcada na e pela diferença. Castells (2018, p.22), compreende a identidade como “[...] um processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados [...]”, configurando, desta forma, como fonte de significado e experiência individual e coletiva.

Nesse contexto, o espaço ribeirinho amazônico, especificamente a comunidade ribeirinha de Nazaré no estado de Rondônia, *locus* desta pesquisa, configura-se, espacial e socialmente, mediante a apropriação dos elementos naturais que a compõe, o rio e a floresta, estando estes intimamente relacionados às práticas culturais na localidade. Tais elementos são importantes na identificação pessoal e coletiva, caracterizando o viver, o cotidiano e o ser/existir neste espaço onde a vida acontece, permeada por relações de solidariedade, de afeto, de companheirismo, de poder e de conflitos. Neste sentido, Castells (2018), afirma que a construção da identidade se dá, dentre outros fatores, pela identificação do indivíduo e do coletivo com espaço.

Os indivíduos que vivem na comunidade de Nazaré, ao apropriar-se do espaço ribeirinho, interagem dialeticamente com os elementos socioambientais, e esta interação resulta em uma transformação mútua, de maneira que enquanto agentes de mudança, impactados também por elementos exógenos à lógica espacial local, agem sobre o meio

alterando-o em um processo que é dinâmico, interativo e bilateral, à medida em que deixam suas marcas, também são marcados.

Dessa forma, o artigo em tela originou-se de reflexões que foram realizadas sobre o viver da comunidade de Nazaré, levando em conta as relações que os moradores estabelecem no/com o espaço. Tais reflexões estão ancoradas em seis anos de pesquisa junto à comunidade, de maneira que este trabalho tem por objetivo identificar e analisar aspectos da vida social desta comunidade, a partir da categoria identidade e das implicações teóricas e práticas que esta abarca.

Nas páginas que seguem, será apresentado o percurso metodológico da pesquisa, seguido da apresentação e análise dos resultados, em conjunto com as reflexões teóricas, uma vez que se propõe não fragmentar tais elementos em tópicos separados, mas sim possibilitar uma análise integrada. Por fim, serão apresentados os elementos conclusivos e os encaminhamentos para pesquisas futuras.

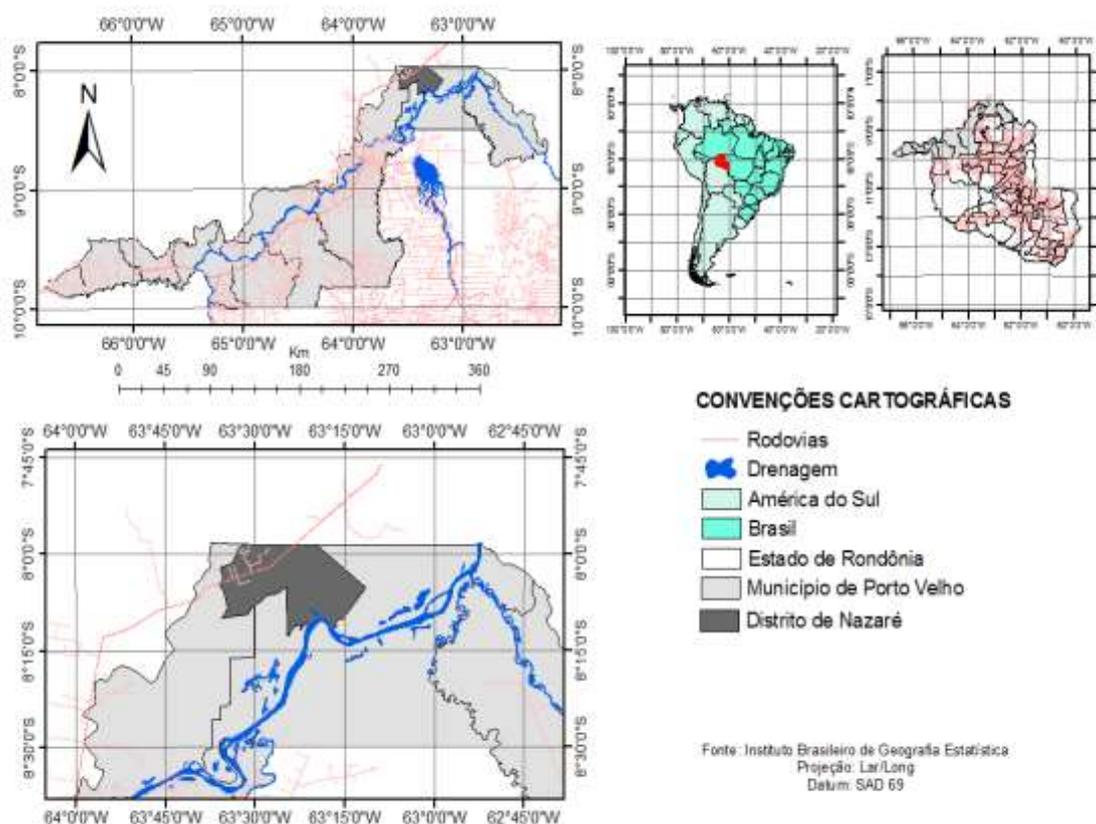
METODOLOGIA

Locus da pesquisa

A comunidade ribeirinha de Nazaré, localiza-se na margem esquerda do Rio Madeira, a sua jusante, na região do Baixo Madeira, a, aproximadamente, 120 quilômetros de Porto Velho, capital de Rondônia-RO, conforme observado no mapa (Figura 1).

O acesso à comunidade se dá apenas por via fluvial, sendo que os(as) moradores(as) que não possuem embarcação própria podem se locomover por meio de embarcações tipo recreio, comumente chamados de “barco de linha”, ou por lanchas alugadas. Com barcos menores – lanchas ou voadeira – o acesso se dá em aproximadamente duas horas, enquanto que com maiores, tipo recreio, a comunidade pode ser acessada em torno de sete horas de navegação.

Figura 1 – Mapa da comunidade ribeirinha de Nazaré



Fonte: Autores (2013).

A comunidade de Nazaré surgiu em um antigo seringal, na década de 1940, momento em que houve a decadência do ciclo da borracha (Menezes, 2014). Na época a localidade chamava-se Boca do Furo e foi da estrutura comunitária que abrigava os seringueiros que surgiu a comunidade que hoje é sede de um dos onze distritos de Porto Velho, instituído pela Lei Municipal n.º 1.299, de 26-06-1997.

Segundo informações obtidas junto ao administrador do distrito, em Nazaré vivem 132 famílias, o que corresponde a 40% da população do distrito, sendo composta por descendentes de seringueiros nordestinos e de indígenas que ocupavam a região.

A comunidade de Nazaré possui tradição artística e cultural um tanto pujante, sendo que em meio às missas, procissões em homenagem aos padroeiros da localidade ou em comemorações cívicas, são comuns apresentações teatrais que têm como base histórias e personagens amazônicos, danças e apresentação de canções regionais. Desse

ambiente artístico e cultural surgiu, no ano de 2006, o grupo musical Minhas Raízes que desenvolve trabalho de conservação da cultura beiradeira. O grupo é composto por crianças, jovens e adultos com aptidão musical e já gravou cinco CDs – Em Cada Som, Saga Beiradeira, Além dos Cantos, Boi Curumim, Assim Sou – por meio dos quais tem difundido os valores culturais ribeirinhos amazônicos.

Os idealizadores do grupo Minhas Raízes, em 2011, criaram o Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes, com o objetivo de estruturar o trabalho de valorização cultural das populações amazônicas, bem como de promover a conservação dos recursos naturais. O Instituto estabeleceu linhas de ação para nortear sua atuação, sendo estas: ‘Arte-Educação’, que busca promover a educação da juventude por meio da arte com grupos de música, teatro e dança; ‘Grupos Artísticos’, busca incentivar talentos e formar grupos que se envolvam com questões artísticas, disseminando assim a cultura amazônica; ‘Bio-Instrumentos’, tem como objetivo a produção de instrumentos musicais; ‘Turismo Cultural’, está relacionado a atração de visitantes por meio da realização de eventos culturais.

A economia de Nazaré está baseada na pesca, na agricultura, no extrativismo e no funcionalismo público. A pesca já foi mais difundida entre a comunidade, no entanto, atualmente, apenas alguns moradores se dedicam a esta atividade, fato que é demonstrado pela baixa oferta de peixe e o alto custo dos que ali são comercializados; quanto a agricultura, a comunidade se dedica a produção de mandioca, melancia e banana; a atividade extrativista está voltada a extração de açaí e castanha do Brasil; o funcionalismo público tem sido muito difundido na localidade (funcionários do Colégio Estadual Francisco Desmoret Passos e do posto de saúde local).

Procedimentos Metodológicos

Este estudo se caracteriza como qualitativo e foi estruturado com base em pesquisa bibliográfica, como subsídio teórico à discussão realizada, bem como em pesquisa de campo, procedimento que possibilitou as reflexões a partir do ponto de vista empírico, levando em conta a realidade vivida na/pelos(as) moradores(as) de Nazaré. Importante salientar que as questões apresentadas para a reflexão, advém da experiência

de campo da pesquisadora junto à comunidade, dados os seis anos em que desenvolveu estudos na localidade.

No que tange à etapa da pesquisa bibliográfica, esta foi dividida em dois momentos, sendo o primeiro voltado à seleção do material – livros, artigos científicos, teses e dissertações – e o segundo momento dedicado à leitura e ao fichamento dos textos. O material bibliográfico utilizado neste trabalho advém principalmente dos campos da Geografia, da Sociologia e da Antropologia.

A pesquisa de campo permeou as demais etapas deste estudo, sendo caracterizada pela realização de sete atividades de campo, com duração média de três dias, com vista ao levantamento de informações pertinentes aos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos à época (dissertação de mestrado e, posteriormente, a tese de doutorado) e que foram utilizadas, em parte, para as reflexões do trabalho em tela. Assim sendo, os elementos empíricos presentes no texto estruturaram-se na experiência de campo, que, por sua vez, alicerçou-se no contato estabelecido com a comunidade por meio de: realização de entrevistas; momentos de conversas informais; participação em eventos culturais e religiosos; participação em reuniões comunitárias. Tais atividades serão detalhadas nos parágrafos que seguem.

As entrevistas foram realizadas com nove mulheres, cinco homens e sete jovens. Como instrumento de coleta de dados, foram elaborados roteiros semiestruturados de perguntas, de maneira a possibilitar que os(as) colaboradores(as) discorressem de forma mais espontânea, propiciando a obtenção de outras informações para além daquelas previstas. Ao longo dos anos de pesquisa foram elaborados e aplicados três roteiros de entrevista que versavam sobre questões específicas que envolviam os estudos – de mestrado e de doutorado – que estavam sendo desenvolvidos, sendo elas: turismo como atividade pluriativa; aspectos culturais do cotidiano da comunidade; o viver no espaço ribeirinho amazônico; as relações de/entre homens e mulheres no/com espaço.

Ademais, foram entrevistados o administrador do distrito de Nazaré e o presidente do Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes, pessoas importantes na esfera política e cultural da comunidade. Estas entrevistas, em específico, trataram sobre aspectos de gestão do distrito, bem como sobre o cenário cultural da localidade.

As entrevistas trouxeram subsídio relevante para este trabalho, no entanto, neste texto, não aparecem relatos de todos os colaboradores(as), embora muitas informações coletadas tenham sido efetivamente utilizadas na discussão dos resultados. Assim sendo, para fins didáticos, apenas aqueles(as) os(as) quais os relatos foram incorporados ao texto, serão identificados.

Quadro 1 – Identificação dos(as) colaboradores(as)

Entrevistada	Identificação
1	Mulher – Dona de Casa
2	Mulher - Comerciante
3	Homem – Representante do Grupo Musical Minhas Raízes

Fonte: Elaboração própria (2023).

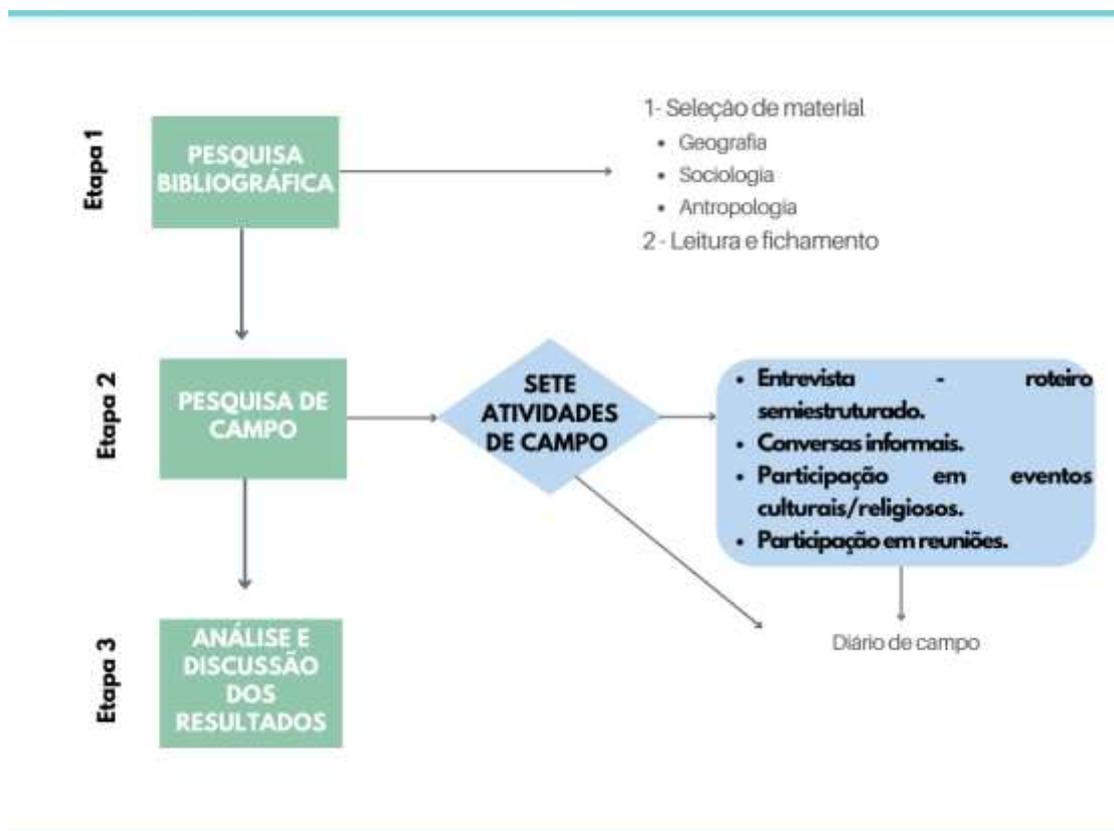
A pesquisa de campo também se caracterizou por conversas informais com idosos, adultos, jovens, adolescentes (homens e mulheres). Os contatos se deram por meio das oportunidades que surgiram no decorrer da estadia na comunidade e mediante os vínculos que foram se estabelecendo ao longo dos anos de pesquisa. As informações coletadas foram registradas em um bloco de anotações e, embora as falas destes(as) colaboradores(as) não apareçam no texto, os diálogos sobre o viver no espaço ribeirinho, as histórias e experiências cotidianas compartilhadas, contribuíram para a construção deste trabalho.

Ao longo dos períodos de estadia em Nazaré foi possível participar dos principais eventos que ocorreram anualmente na comunidade, a saber: o Festival Folclórico que acontece em julho; o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre no mês de setembro, em paralelo às comemorações da Independência do Brasil; a Festa da Melancia, que é realizada no mês de agosto. Além dos eventos, a pesquisadora participou de duas reuniões de planejamento, sendo uma com os membros da Associação dos Produtores, Moradores e Amigos de Nazaré – AMPAM – e a outra com o grupo gestor do Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes.

Os encontros com os(as) ribeirinhos(as) se deram à sombra das árvores que margeiam o campo de futebol, nos fins de tarde à beira do rio Madeira, à beira Córrego Cura Ressaca, nas varandas das casas, nas noites de eventos em que a cultura ribeirinha era festejada, nas caminhadas pela comunidade. Enfim, no transcurso da pesquisa, os encontros foram diversos e intensos, de maneira que para registrar as informações destes momentos utilizou-se o diário de campo como recurso, buscando evitar que elementos essenciais às análises fossem descuidadamente esquecidos e/ou negligenciado no transcorrer da pesquisa.

Deste modo, o percurso metodológico deste artigo se estruturou em três etapas distintas e complementares, a saber: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo; e, análise dos dados coletados. Abaixo apresenta-se o fluxograma do caminho percorrido ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 2 – Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2023).

A IDENTIDADE SE CONSTRÓI NA DIFERENÇA: O EU E O OUTRO

O conceito de identidade é discutido por um mosaico de autores de diversas áreas do saber – filosofia, antropologia, história, geografia, dentre outras – e estes propõem e discutem o termo a partir de visões que ora se complementam, ora se contradizem. E, esse emaranhado de ideias busca a resposta para os seguintes questionamentos: quem sou eu? Quem somos nós? O distanciamento entre eu e o Outro ou entre nós e os Outros, marcam e tornam evidentes características peculiares, ou seja, as características identitárias são marcadas na/pela diferença.

A diferença evidenciadora da identidade é encontrada na singularidade existente em um indivíduo ou em um coletivo em relação a outros, assim, a identidade é sempre relacional, estabelecida por meio de uma marcação simbólica relativa a outras identidades. Para Valter Carmo Cruz (2007), a diferença não é apenas o resultado, mas o processo, um movimento incessante que é ativo e criador. Sendo assim, para este autor, “a diferença passaria a ser o ponto original para se pensar a identidade [...]”.

O corpo, por exemplo, pode ser visto como um marcador da diferença, uma vez que é envolvido, em várias perspectivas, no estabelecimento de fronteiras que definem o “nós” e os “outros”. Essa diferenciação biológica entre o corpo masculino e feminino que se fundamenta em uma perspectiva essencialista, segundo Bourdieu (2014), é encarada como justificativa natural da diferença que é socialmente construída entre os gêneros. Esse diferencial anatômico, mas reelaborado socialmente, está na ordem de construção do mundo social como uma realidade que é sexuada.

Os papéis exercidos por homens e mulheres são estruturados por instituições e organizações sociais, a exemplos das instituições religiosas, das educativas e a própria família, têm influência direta no comportamento e na identificação, isto porque ao se falar de identidade masculina e feminina – enquanto naturezas consideradas opostas – vêm à mente os papéis diferenciados atribuídos à cada um destes. Este determinismo histórico-cultural é que estrutura as funções sociais e reflete fundamentalmente na formação identitária dos indivíduos.

Na comunidade ribeirinha de Nazaré as funções exercidas por homens e mulheres estruturam-se mediante as concepções culturais que organizam a espacialidade e as

relações na comunidade, de modo que às mulheres é atribuída a função reprodutiva e aos homens a produtiva. O cotidiano das mulheres, em específico, é marcado pelas relações que estas estabelecem no contexto doméstico, enquanto mães, esposas e donas de casa, uma vez que todas as funções ligadas ao núcleo familiar são exercidas por elas. Mesmo que estas se ocupem em outras tarefas ligadas, por exemplo, a estudo e a atividades pluriativas¹, ainda assim o trabalho doméstico continua sendo de sua inteira responsabilidade.

A este respeito Fachine (2007), ao desenvolver pesquisa em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, analisando o cotidiano das mulheres, constatou que:

[...] o dia de trabalho começa com as atividades relacionadas com a manutenção da família. Em alguns casos é relatada a participação dos demais membros da família, como capazes de “ajudar”. No entanto, a mulher se considera responsável, fazendo referência em ser a “dona de casa”, expressão que se destacou em primeiro lugar quando foi perguntada qual a condição atual e/ou profissão naquele momento.

Além desempenhar papel fundamental na reprodução familiar, as atividades produtivas também fazem parte das ações cotidianas desenvolvidas pelas ribeirinhas, referindo-se especificamente às atividades agrícola, extrativista e a pesca. No entanto, diante do contato com as mulheres foi possível observar que sua atuação nas atividades produtivas é considerada “ajuda”, como pode ser verificado na fala de uma das entrevistas: “[...] tem umas que ainda pesca, mas isso é algumas que ajudam o marido né. Algumas. A maioria é só pra comer mesmo” (Entrevistada 1).

Na fala da colaboradora da pesquisa há dois pontos a se considerar: o primeiro é que quando o termo ajuda aparece na fala, evidencia, que a atividade não é naturalmente de sua responsabilidade, mas sim da figura masculina; a segunda questão é que a pesca, para a maior parte das ribeirinhas de Nazaré se configura como uma extensão das atividades reprodutivas, à medida em que pescam para prover alimento à família.

O papel reprodutivo da mulher ribeirinha está nas bases que irá compor sua identidade, uma vez que elas se auto-reconhecem e também são reconhecidas pela sociedade como donas de casa ou “do lar”, como comumente é denominado, mesmo que

¹ A pluriatividade é considerada um fenômeno em que famílias de agricultores, que tradicionalmente se ocupam com a agricultura, passam a desenvolver também outras atividades como estratégia de complementação da renda.

muitas delas desempenhem outras funções. Neste sentido, Przybysz e Silva (2010, p. 32) corroboram a discussão quando afirmam que:

O papel feminino está mais ligado aos aspectos de reprodução social como o cuidado com a alimentação, educação, afazeres domésticos, por mais que a mulher tenha adquirido outros papéis como trabalhadora. Nesse sentido, a vivência do espaço privado é mais forte no exercício da feminilidade e por consequência, da maternagem.

Importante mencionar que as mulheres de Nazaré também têm se ocupado em funções ligados ao turismo, já que nos últimos 12 anos a comunidade tem se estruturado para o desenvolvimento desta atividade. Entretanto, muito embora verifique-se o envolvimento das mulheres com o turismo, as atividades desenvolvidas por ela se configuram como extensão da sua atuação no lar, uma vez que atuam como camareiras, cozinheiras e auxiliares de limpeza. Para tanto, identifica-se que o papel reprodutivo é evidenciado como uma característica que demarca a fronteira entre o eu e o outro, neste caso específico, entre mulheres e homens.

Enquanto as mulheres se encarregam das atividades reprodutivas, como sendo essencialmente de sua responsabilidade, os homens em Nazaré são os responsáveis pelas atividades produtivas que, no caso específico da comunidade, estão voltadas à produção agrícola, ao extrativismo, a pesca e a prestação de serviços.

No que tange ao desenvolvimento do turismo, observou-se que os homens atuam no papel de gestores dos empreendimentos ligados diretamente à atividade, além de serem os responsáveis por realizar os passeios de barco no rio Madeira, já que atuam como piloteiros, e pelo guiamento dos turistas que desejam pescar ou conhecer áreas da comunidade que são mais afastadas do núcleo central. Deste modo, o processo gerencial que exige o esforço e o empenho cognitivo de processar informações e estruturá-las, é de responsabilidade dos homens e o contato direto com os turistas é feito pelos homens. As mulheres ficam incumbidas de atividades subalternas que as restringem tão somente ao *background*, confirmando o que Cisne afirma: “A divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que por meio da divisão hierárquica entre os sexos, confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados (2015, p. 117).

Desta maneira, a identidade de mulheres e de homens sempre está atrelada aos papéis sociais que a este(as) são atribuídos, ou seja, determinadas características identitárias são delineadas em torno do desempenho de tarefas e funções de âmbito reprodutivo e produtivo, o que de acordo com Silva e Amazonas (2009, p.4), traz a conotação de oposição em relação à identidade feminina masculina, pois “o que se espera de um, não se espera de outro”.

Scott (1995), discute a oposição binária entre homens e mulheres e entre masculino e feminino e afirma que este contraste, em parte, se evidencia nos corpos, expressando os marcadores das diferenças identitárias. O corpo considerado como fronteira é crucial no processo de compreensão de como se estrutura a construção da identidade dos indivíduos a partir de um contexto relacional assinalado pela diferença.

A este respeito, ao longo das atividades de campo realizadas em Nazaré, identificou-se a forte relação do mito do boto com a corporeidade das mulheres, a medida em que as narrativas míticas evidenciam uma conexão física e mental, envolvendo questões ligadas a sua própria identidade. Há intensa identificação com elementos tanto da corporeidade como da sexualidade feminina que, portanto, desperta sentimentos que estão para além do consciente, e refletem diretamente na vida destas mulheres.

O mito do boto apareceu na fala das mulheres a partir de duas narrativas distintas, sendo a primeira voltada ao sentido tradicionalmente conhecido, sendo o boto o dom-juan das moças, “[...] o conquistador feliz de milhares de moças, o progenitor naturais de várias centenas de piás” (Cascudo, 2012, p. 163). Na segunda versão, observou-se que o encanto perdeu o sentido libidinoso e sexual, aparecendo carregado de uma conotação religiosa e espiritual, como é possível observar nas fala de duas das colaboradoras da pesquisa:

[...] a menina estava menstruada, diz que ia passando uns boto né, diz que ela foi e jogou uma pedra. Menina quando foi de noite mana, invocaram nessa menina [...] e foi feio. Ela falou que o que valeu ela, ela correu na bíblia. Ela falou que a donde ela abriu lá ela foi ler. E foi um desespero que o meu cunhado morava lá [...] diz ele que pensou que era os boi que tinha entrado dentro da casa. Foi mana, de noite foi feio. Aqui mesmo, aqui dentro do Culhereiro, tinha uma afilhada minha que estudava aqui né, aí logo aí é porque já morreram a metade do povo, aí tinha uma senhora que tinha um lote bem, fica bem aqui detrás, na terra firme, aí diz que ela ia com a irmã dela e um primo dela já vinham da escola, podia ser umas dez horas do dia, aí ele disse que quando

chegou lá no porto dessa senhora diz que um rapaz muito bonito que ela viu, mas era o boto né, aí olha essa menina querendo alagar a canoa [...] chegaram na casa de uma comadre minha, diz ela pra suspender essa menina foi um terror maninha, dessa vez foi o boto [...] dessa vez até os homem ficou com medo, ficaram com medo do boto (ENTREVISTADA 1).

Eles atacava muito gente assim, o espírito. Sabe como é que é? Eles encostam no corpo da pessoa e a pessoa fica possuída. [...] Mas lá em casa minha filha mesmo eu passei foi tempo, eu passei um terror com a minha filha, eles [botos] atacaram lá em casa. A gente lá em casa e a gente via bater as panelas [...] e os bode, que a gente criava bode na época, corria, se assustava e era aquela agonia. Aí quando nós chegamos lá eles falaram: oh minha senhora é eles que estão lá. Logo ali onde a gente morava tem uma ponta de pedra, bem ali em cima e é onde eles gostam de espreitar os encantos. Aí eu fez, andei fazendo uns remédios, uns banho pra, pra minha nora, a mulher do Assis, mulher que mora aqui, ela era possuída, aí ficaram com raiva de mim, aí ficaram perseguindo eu, perseguindo a minha filha, o meu marido, só que os homem eles é difícil né porque os homem [...] tem cruz nas costa. Mas graças a Deus agora acabou [...] (ENTREVISTADA 2).

Em ambas as vertentes desse mito apenas as mulheres que estão no período menstrual é que atraem a atenção do animal, de maneira que para proteger seus corpos não devem acessar o rio Madeira nem as áreas adjacentes enquanto essas estiverem menstruadas, evidenciando uma restrição de acesso a determinados espaços. Ir ao rio ou apenas à beira durante o ciclo menstrual significa arriscar sua integridade física e mental, pois os botos a todo instante oferecem perigo àquelas que se aventuram expondo-se ao encantamento. Há um espaço que não pode/deve ser acessado em determinado período do mês e esse é o do rio, aquele que é comandado pelos botos. As mulheres devem ficar restritas ao espaço privado, cumprindo as atividades reprodutivas.

Deste modo, observa-se que a forte ligação com a corporeidade da mulher é elemento central nas duas vertentes, tanto no que tange à interpretação cultural das suas características fenotípicas quanto e aos aspectos relacionados à sua estrutura biológica, ambos considerados centro de atratividade no contexto do mito. A elaboração cultural das diferenças nas propriedades biológicas existentes entre homens e mulheres evidencia as construções simbólicas em torno das diferenças corpóreas.

Ademais, ainda traçando o paralelo entre o binarismo de homens e mulheres e o corpo como importante elemento na constituição identitária de um indivíduo, mostra-se relevante analisar o trecho específico de um dos relatos supracitados, em que a colaboradora menciona que os homens não sofrem o encantamento do boto, pois “[...]”

tem cruz nas costas”. Ao ser indagada sobre essa afirmação, ela respondeu que quando os homens abrem os braços forma-se perfeitamente uma cruz em suas costas, enquanto que nas mulheres não. Portanto, essa cruz, para a entrevistada, é responsável por protegê-los da possessão. Este é um sinal da interpretação cultural da corporeidade generificada.

Nazaré, de acordo com as observações realizadas e conversas com os(as) moradores(as) locais, se apresenta como uma comunidade onde parte significativa da população se afirma católica. Na comunidade existem duas igrejas católicas, a Nossa Senhora de Nazaré e a São Sebastião, e também igrejas cristãs da linhagem pentecostal, a Assembleia e Deus e a Deus é Amor. Deste modo, segundo Jung (2016, p.113) a cruz da religião cristã “[...] é um símbolo dos mais significativos e que expressa uma profusão de aspectos, ideias e emoções”, sendo considerada um símbolo cultural utilizado por muitas religiões, tornando-se uma imagem coletiva aceita pela sociedade, sobretudo a cristã.

Essa perspectiva ligada à cruz e à dimensão do corpo masculino pode ser também relacionada ao conceito de corpo-encruzilhada, discutido por Jarbas Ramos (2017, p. 2) como “[...] um corpo-espaco, atravessado, entrecruzado pelos elementos e saberes-fazeres que compõe o universo em que se encontra”. Assim sendo, remetendo à realidade estudada o termo corpo-encruzilhada mostra-se importante para a compreensão de que as referências que perpassam os saberes locais, muitas delas resultado de crenças e princípios repassadas entre as gerações, foram apreendidos e materializam-se nas concepções que marcam o corpo masculino, um conhecimento incorporado em um corpo.

Assim, compreende-se o corpo-encruzilhada como uma metáfora que elucida as representações simbólicas que se apresentam no corpo e pelo corpo, a exemplo da cruz que é formada nas costas dos homens quando estes abrem os braços. Esse símbolo, que segundo a interlocutora, é consubstancializado no corpo, pode ser considerado e compreendido como um símbolo que evidencia, neste caso específico, uma fronteira identitária que, por sua vez, assinala um marcador da diferença.

DaMatta (2011), ao considerar que a marca na maneira de viver de um grupo ou de uma sociedade revela-se pela cultura, discute que esta traduz de modo específico a diferença entre o nós e os Outros, sendo uma importante ferramenta para compreender

as diferenças entre homens e mulheres. Assim sendo, diante das questões apresentadas, e a aportando-se nas ideias de Stuart Hall (2011) e DaMatta (2011), infere-se que a identidade não preexiste, mas é construída, sendo constituída por meio de elementos do todo social, podendo ser considerada como um construto sociocultural que se estrutura na e pela diferença.

IDENTIDADE: O QUE NOS UNE ENQUANTO GRUPO

Compreender a identidade como um construto sociocultural conduz ao entendimento de que esta é formada e formulada por meio da reelaboração de características advindas de elementos históricos, valendo-se, como afirma Castells (2018, p.22), “[...] da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. Os campos sociais como a religião, a gastronomia, a música, a dança, dentre outros, se relacionam a aspectos que marcaram a existência de um grupo, em determinado território, apresentando-se como relevantes na constituição identitária.

Na soma de traços que rementem aos campos supracitados, é possível identificar uma sequência de características identitárias que auxiliarão a responder a pergunta: quem somos nós? A união de indivíduos em grupos perpassa pelo compartilhar de elementos identitários, demarcando a fronteira entre o nós e os outros, pois, como afirma Hall (2011), a identidade é sempre relacional, ou seja, se evidencia por meio da diferença relativa a outras identidades.

Na comunidade pesquisada a construção da identidade remete à influência histórica de grupos indígenas e de nordestinos(as) – seringueiros(as) que chegaram à Rondônia na época do “Ciclo da Borracha”. Deste modo, esses grupos com suas marcas identitárias, trouxeram influências nos campos da gastronomia – tapioca, farinha, mandioca – das danças – quadrilha e o boi-bumbá – dos mitos, do linguajar e do próprio fenótipo dos indivíduos.

Menezes (2014), ao desenvolver pesquisa em Nazaré, relata como se deu o surgimento da comunidade, de modo que é possível identificar a relação e a influência dos(as) seringueiros(as) em sua formação:

A comunidade de Nazaré era um antigo seringal chamado na época de Boca do Furo, era composto por 25 famílias e surgiu na década de 1940 após o fim do Segundo Ciclo da Borracha. Portanto, a partir das antigas estruturas do seringal Boca do Furo em que havia o barracão e as tabernas onde os seringueiros pegavam os alimentos, foi se formando um pequeno vilarejo com estrutura comunitária [...].

Muito embora a influência histórica seja relevante na formação identitária de um grupo, há que se ressaltar que os campos sociais são processados e, por sua vez, tendem a reorganizar os significados, relacionando-os à elementos socioculturais que estão arraigados tanto na estrutura social como no tempo e no espaço. Neste contexto, os(as) ribeirinhos(as) de Nazaré, reestruturaram alguns elementos de acordo com as especificidades espaciais em que vivem, a exemplo do Boi Bumbá, que na comunidade recebe a denominação de Boi Curumim, que se apresenta no Festival Cultural, de maneira que durante o espetáculo, é possível identificar que as letras das músicas que estruturam a “brincadeira”, estão relacionadas, em grande medida, à floresta e ao rio Madeira.

Elementos que remetem ao contexto histórico de colonização do espaço ribeirinho, que foram ressignificados, levando em consideração os recursos naturais que são marcantes na realidade espacial em que vivem, o rio Madeira e a floresta, fontes identitárias vinculadas à cultura local que se manifestam no cotidiano comunitário.

A cultura está intimamente atrelada à identidade, pois o modo de vida e de ver o mundo, os comportamentos sociais, as posturas corporais, são produtos de uma herança cultural, bem como da ressignificação de tal herança. Neste contexto, Laraia (2009, p.68), afirma que o resultado da operação de determinada cultura se expressa no fato de que “[...] culturas diferentes podem ser facilmente identificadas por uma série de características, tais como o modo de vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica”.

Em Nazaré esta questão é evidente quando se observa que as características da gastronomia local vêm sendo conservadas e valorizadas entre os membros da comunidade: o açaí – sem adição de açúcar – servido com a farinha de tapioca; o peixe assado, frito e cozido fazendo parte da alimentação diária; a farinha, muito utilizada nas refeições. As horas de caminhada na mata para caçar, os momentos voltados à pesca para a subsistência familiar, o tempo dedicado à ir à beira do rio para encontrar e conversar

com familiares e colegas no final da tarde, são práticas culturais que vêm atravessando as gerações e estão intimamente vinculadas aos elementos naturais que preponderam no espaço ribeirinho: o rio e a floresta.

Deste modo, compreende-se que a identidade é construída por meio da interação do ser humano com o espaço em que vive e, esta interação passa por um diálogo com o passado, em que há a incorporação de elementos histórico-culturais à identidade coletiva, mas também se estrutura em processos de ressignificação a partir da apropriação de elementos espaciais.

A reflexão sobre tais questões, traz à tona a globalização enquanto um fenômeno que proporciona a conexão do espaço geográfico em escala mundial, integrando elementos econômicos, sociais, políticos e culturais. Diante dessa realidade se impõe uma tensão entre a homogeneidade e a heterogeneidade cultural que afeta diretamente as questões ligadas a identidade coletiva. A este respeito, Bauman (2005, p.33), ao discutir o mundo líquido moderno, afirma que “no admirável mundo novo de oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”. Diante deste contexto de “seguranças frágeis”, o questionamento que se faz, frente a realidade que se apresenta nesta pesquisa é: como os efeitos da globalização vêm sendo assimilados pela comunidade ribeirinha de Nazaré?

Em Nazaré, é possível identificar que as referências culturais que remetem ao contexto histórico, vêm sendo perpassadas por novos elementos que surgem como dispositivos de transformação no/do universo ribeirinho, vinculando-o a um contexto global, a exemplo da inserção de aparelhos celulares e da internet, principalmente entre os(as) jovens e adolescentes.

Em 2011, na primeira atividade de campo realizada na comunidade, identificou-se apenas a existência de telefones fixos e em algumas residências, quatro anos mais tarde, em 2015, observou-se que parte dos jovens possuía *smartphones*, utilizados, principalmente, para jogos, bem como para ouvir música, como eles(as) mesmo afirmaram nas conversas realizadas no decorrer da atividade de campo, já que na localidade, com excessão do Colégio Estadual Francisco Desmoret Passos, ainda não havia sinal de internet. Quatro anos depois, em 2019, alguns pontos da comunidade passaram

a ter acesso a internet, mas de maneira limitada, uma vez que ao comprar o acesso, o indivíduo tem direito ao uso por 24 horas, situação que ainda traz limitação a utilização de tal recurso.

Antes da implantação da internet em Nazaré, os telefones celulares eram utilizados como instrumentos para a socialização entre os(as) jovens, uma vez que os encontros para ouvir música e jogar, se configuravam como momentos de fortalecimento dos laços de amizade e companheirismo, pois segundo relatos dos próprios jovens, aqueles que tinham o aparelho celular compartilhavam como os que não tinham. No entanto, atualmente, observa-se mudanças no comportamento daqueles que têm acesso a internet, como pode ser verificado na fala do colaborador da pesquisa: “Assim como a chegada da TV a quase 30 anos. Houve mudança sim. Principalmente com a influência de tudo de ruim que a internet proporciona” (Entrevistado 3).

Entretanto, o colaborador da pesquisa, segue sua fala, fazendo a seguinte afirmação: “Mas as crianças e jovens que não tem acesso a celulares e internet ainda continuam suas rotinas no modo de viver ribeirinho”, modo este que é caracterizado pela íntima ligação com o rio (SILVA, 2000; CRUZ, 2006; TOCANTINS, 1973), e com a floresta, por momentos de pausa contemplativa, por árduo trabalho nas atividades agrícolas e pelo compartilhar cotidiano de momentos de trocas sociais.

O colaborador da pesquisa também relatou que: “As pessoas que conhecem bem Nazaré, sabem que é a única comunidade que ainda não foi tomada praticamente por droga ou outras más influências, por conta da forte manifestação cultural que se preserva a mais de meio século. Felizmente.” As “drogas” e a “má influência” são apresentadas como consequência das possibilidades de contato que se abriram com outros territórios e culturas, no entanto, a cultura arraigada há mais de 50 anos na comunidade é apresentada como um mecanismo de defesa frente aos desafios que surgem neste universo conectado por e em redes.

No cenário de pujança cultural de Nazaré, destaca-se o papel do Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes, como importante instrumento que promove a valorização e a divulgação da cultura ribeirinha da região do Baixo Madeira. Interessante mencionar que a partir de 2018, o Instituto passou a utilizar as redes sociais – *Instagram*

e *Facebook* – como ferramenta de divulgação das ações culturais que desenvolve na comunidade, bem como para divulgar o Festival Folclórico de Nazaré, maior evento cultural da Região do Baixo Madeira. As redes sociais, ferramenta que remete ao mundo globalizado e que evidencia o processo de compressão espaço-temporal, sendo utilizadas por pessoas que vivem no interior da região amazônica, como forma de ampliar as possibilidades de que a cultura ribeirinha da Amazônia atravessasse as fronteiras, atingindo territórios e pessoas os quais não se pode exatamente precisar.

Corroborando a discussão, Norberto (2020), afirma que o grupo musical Minhas Raízes tem se mostrado como um importante instrumento no “[...] combate do processo de desaparecimento das tradições proporcionada pela difusão das informações por meio dos veículos de massa, relativamente recentes na comunidade” (2020, p. 225 e 226). A autora segue afirmando que:

[...] o envolvimento da comunidade e a mobilização dos mais jovens para a arte, são estratégias identitárias do grupo, que apesar de ter percorrido uma trajetória de relativo sucesso – já se apresentou em uma conferência de educação em Brasília, se tornou atração em rede nacional, no programa “Criança Esperança”, da Rede Globo e, recentemente, participou da conferência Rio Mais Vinte - não deixa de lado as ‘raízes’ (NORBERTO, 2020, p. 226).

Appadurai (1994), defende que a cultura, neste contexto de globalização, não está fadada à homogeneização, mesmo que envolva a utilização de uma série de instrumentos que incitem tal processo, pois estes instrumentos são absorvidos no local e então repatriados com diálogos heterogêneos. O autor argumenta que os discursos que defendem o pressuposto da homogeneização estão amparados na premissa da “americanização” e da “commoditização”.

Ao discutir o local no mundo globalizado, Carlos (2007), afirma que os elementos mundiais que existem nesta esfera micro, tendem a redefinir seu conteúdo, porém não anulam suas particularidades. O local, como especificidade concreta, se apresenta enquanto “ponto de articulação” entre os elementos globalizados. Embora haja uma redefinição da cultura, dada a inteiração das mais diversas partes do mundo, proporcionada pela Revolução Técnico-Científica Informacional, as peculiaridades estão vivas e permitem a diferenciação em contraposição à homogeneização.

para esse povo que vive à ribeira, reforçando os laços identitários que unem este grupo de pessoas que depende do rio e da floresta para sobreviver.

Segundo Porto-Gonçalves (2018, p.54), na Amazônia, situada no interior de países periféricos no “sistema mundo capitalista moderno-colonial”, os limites de uma ciência que se fundamenta como tecnologia para a dominação da natureza, se faz sentir de forma radical, submetendo a região ao tempo da globalização financeira-industrial. Neste contexto globalizado, há a inserção de elementos exógenos ao espaço ribeirinho e que, em muitos casos provoca estranhamento e impactos socioambientais, a exemplo da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio que foi instalada no Rio Madeira.

Contrariando fluxo natural do rio a que os(as) ribeirinhos(as) estão plenamente adaptados, no ano de 2014, as comunidades ribeirinhas do rio Madeira, dentre elas Nazaré, e também o núcleo urbano de Porto Velho (COORDENADORIA ESTADUAL DA DEFESA CIVIL DO ESTADO DE RONDÔNIA, 2014), foram acometidos por uma das maiores enchentes noticiadas na região. O nível do rio subiu aproximadamente dezenove metros e há pesquisas que comprovam que tal evento tenha se dado pela início das operações da Usina de Santo Antônio (FEARNSIDE, 2014), já que houveram problemas quanto ao atendimento da legislação ambiental, desde os estudos iniciais (MORET; GUERRA, 2009; MORET; SILVA, 2010; RAINEY; RAINEY, 2016).

Diante dessa situação, a comunidade de Nazaré se mobiliza para expor a desaprovação quanto à instalação dessas estruturas que fogem a lógica da realidade local, por meio, principalmente, de eventos culturais – organizados pelo Grupo Minhas Raízes – e músicas de cunho crítico. As músicas, compostas por membros do grupo, são compartilhadas nas redes sociais, por meio de vídeos, objetivando denunciar as situações que estão vivenciando e, por conseguinte, atingir o maior público possível, por meio de *likes* e compartilhamentos.

Observa-se uma busca por afirmar a cultura e a identidade em sua relação de afeto com a floresta e com o rio, como forma de oposição e resistência às transformações em curso, bem como de reafirmação da identidade ribeirinha amazônica. A comunidade utiliza os recursos que possui, a música como expressão cultural, que, por sua vez, aparece associada à elementos vinculados à globalização: a internet e as redes sociais.

A necessidade de reafirmação identitária está, em parte, relacionada ao temor que certas sociedades possuem em relação à aceleração das transformações culturais causadas pela interação cada vez mais intensa e imediata da população global e dos mecanismos de homogeneização – mídia, armamentos, vestuário, linguagem hegemônica. Entretanto, é preciso considerar que vários grupos e sociedades têm experimentado as mudanças advindas das transformações contemporâneas, não aprisionando-se em seguir fielmente os modelos do passado, mas tal experiência vem atrelada ao ato de remodelamento e reinterpretação a partir de elementos culturais e identitários que lhes são próprios.

A abertura de Nazaré para o desenvolvimento do turismo têm possibilitado a comunidade expressar aspectos que evidenciam a identidade do grupo, a exemplo das instalações das pousadas que remetem a identidade arquitetônica local, uma vez que são construídas em madeira e sob palafitas, além do fato de que nas unidades habitacionais o turista pode optar por dormir na cama ou na rede, outro elemento que reforça um aspecto da identidade local. Além dos meios de hospedagem, os restaurantes oferecem refeições que retratam a gastronomia local, e os(as) turistas, em momentos específicos, têm a oportunidade de ouvir as narrativas míticas e os contos disseminados entre a população ribeirinha, que são contados por moradores antigos da comunidade, como forma de tornar conhecidas as especificidades deste espaço.

O fato de contar e recontar os contos, as histórias e estórias locais, é uma forma de trazer para o universo dos(as) turistas, geralmente urbanos(as), de Porto Velho, a memória coletiva das pessoas que vivem neste espaço, reafirmando a identidade ribeirinha que permeia por esses campos sociais, voltados às narrativas míticas, aos “causos” e aos contos que têm a floresta, o rio e aqueles(as) que ali convivem como elemento central. A este respeito, Castells (2018), afirma que quando as redes diluem o tempo e o espaço, os indivíduos tendem a se prender a espaços físicos, recorrendo sempre à memória histórica e coletiva, como fontes específicas de identidade que consistem em uma reação de defesa que vai de encontro às condições que têm sido impostas por essa “desordem global”.

Percebe-se, portanto, que há um esforço de moradores de Nazaré em conservar aspectos basilares da identidade ribeirinha que revelem e evidenciam as peculiaridades do viver neste espaço tradicional cercado por floresta e água. Entretanto, há elementos da realidade que já foram modificados e outros estão em processo de transformação, retratando não apenas os efeitos do fenômeno da globalização, mas a própria dinamicidade da cultura e, por conseguinte, das características que demarcam a identidade do grupo, uma vez que, enquanto resultado de uma construção social, a identidade se metamorfoseia, a partir de movimentos de reinvenção, reinterpretação e de ressignificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade é sempre relacional, evidenciando-se na singularidade existente em um indivíduo ou em um coletivo em relação a outros, sendo o corpo um importante marcador da diferença, assim como as funções exercidas por homens e mulheres na sociedade. A este respeito, na comunidade estudada ambas as questões se evidenciaram, sendo marcadores da diferença entre homens e mulheres.

No que tange as diferenças corpóreas como evidenciadoras da identidade, identificou-se a relação do mito do boto com a corporeidade e sexualidade das mulheres de Nazaré. Nas duas narrativas míticas que apareceram nos relatos, ficou evidente o vínculo com a corporeidade das mulheres, tanto no que diz respeito à interpretação cultural das suas características fenotípicas quanto aos aspectos relacionados à sua estrutura biológica, ambos considerados centrais no contexto do mito.

Quanto às funções exercidas por homens e mulheres, observou-se que estas estão estruturadas nas concepções culturais que organizam a espacialidade e as relações na comunidade, de maneira que às mulheres é atribuída a função reprodutiva e aos homens a produtiva. O cotidiano das mulheres é marcado pelas relações e atividades desenvolvidas no âmbito doméstico, onde assumem as funções de mãe, de esposa e de dona de casa e mesmo aquelas que atuam em atividades ligadas ao turismo,

desempenham funções que são extensão daquelas realizadas em suas casas, demarcando a fronteira entre o eu e o outro, neste caso, entre mulheres e homens.

Tal fronteira se evidencia quando observa-se que os homens em Nazaré são os responsáveis pelas atividades produtivas ligadas ao extrativismo, a agricultura, a pesca, a prestação de serviços ligados ou não ao turismo e a gestão de empreendimentos turísticos. A realidade que se apresenta em Nazaré não se distancia da realidade vivenciada no espaço urbano, em que a identidade de mulheres e homens está intimamente atrelada aos papéis sociais que lhes são atribuídos.

Diante de tais questões, surgem alguns questionamentos que podem, futuramente, se desdobrar em novos estudos, sendo eles: em que medidas é dada às mulheres a oportunidade de atuar em atividades produtivas que não sejam extensão daquelas desenvolvidas em casa? Há resistência da parte dos homens em “permitir” esse movimento? Há indicativos de transgressões nessa estrutura socioculturalmente imposta? Se há mobilização neste sentido, ocorreram alteração(ões) no cotidiano e, portanto, na estrutura que demarca as fronteiras entre homens e mulheres, no que tange a constituição identitária?

Muito embora a identidade evidencie a diferença, sendo um construto sociocultural, é também responsável por unir grupos, por meio de características em comum que são advindas de elementos histórico-culturais. Neste sentido, em Nazaré, a identidade da comunidade está atrelada à influência histórica de grupos indígenas e de nordestinos(as), influência esta que reflete, sobretudo, na gastronomia, nas danças, nos mitos, no linguajar e no fenótipo dos indivíduos.

Entretanto, identificou-se que as referências culturais que remetem ao contexto histórico da comunidade, vêm sendo atravessadas por elementos que conectam o universo ribeirinho ao contexto global, a exemplo da utilização de aparelhos celulares e da internet, principalmente pelos(as) jovens e adolescentes. Mesmo diante da inserção de tais ferramentas tecnológicas e de sua tendência globalizante, observou-se que há movimentos de resistências e de afirmação identitária que tem como elemento basilar os recursos naturais que preponderam no espaço ribeirinho: o rio e a floresta.

A este respeito, o grupo musical Minhas Raízes, coordenado pelo Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes, se configura como um instrumento de resistência às rápidas transformações que vêm chegando/chegaram a Nazaré, resistência esta que se apresenta nas músicas que são compostas por membros do grupo, bem como nos eventos culturais que acontecem anualmente, reforçando e fortalecendo a pujança cultural da comunidade. A oposição em relação a inserção de elementos exógenos à realidade local, se dá por meio da exaltação da relação de afeto estabelecida com a floresta e com o rio, como forma reafirmação da identidade ribeirinha amazônica.

Ao refletir sobre as questões postas, questiona-se: esse movimento de reafirmação da identidade ribeirinha amazônica também se evidencia no cotidiano de crianças, jovens e adultos que não estão vinculados ao grupo musical Minhas Raízes e/ou ao Instituto Cultural e Socioambiental Minhas Raízes? Como as ações deste grupo impactam a comunidade como um todo? Diante dos questionamentos apresentados, intenciona-se evidenciar que este estudo não pretende ser finalístico, pois novas frentes de pesquisas se abrem para o desdobramento deste estudo.

Contudo, neste trabalho intencionou-se refletir sobre questões que apontam para o viver da comunidade ribeirinha de Nazaré, com enfoque para as relações que os(as) moradores(as) estabelecem no/com o espaço, com vistas demonstrar como os vínculos estabelecidos demarcam as fronteiras identitárias, mas também os aproximam enquanto grupo, enquanto ribeirinhos(as) amazônicos(as).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença da economia cultural e global. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.). **Cultural Global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 3.ed. São Paulo: Global, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

COORDENADORIA ESTADUAL DA DEFESA CIVIL DO ESTADO DE RONDÔNIA. Relatório número 10: “Operação Enchente”. Disponível em: http://www.cbm.ro.gov.br/imagens-editor/RELATORIO_DC_21_02_2014.pdf . Acesso em: 04 de mar. 2017.

CRUZ, Valter Carmo. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia**. Niteroi: Universidade Federal Fluminense, 2006 (UFF, Dissertação, mestrado em Geografia).

CRUZ, Valter Carmo. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves. et. al. (Orgs). **Itinerários Geográficos**. Niterói. EdUFF, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. **Mulheres ribeirinhas do Madeira: cotidiano envolto em brumas**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia , 2007 (UNIR, Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente).

FEARNSIDE, Philip. As barragens e as inundações do Rio Madeira. **Ciência Hoje**, n.53, p. 56-57, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav (Org.). **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MENEZES, Elisângela Ferreira. **A representação do lugar: um estudo sobre a juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré – RO**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2014 (UNIR, Dissertação, mestrado em Geografia).

MORET, Artur de Souza; GUERRA, Sinclair Mallet Guy. Hidrelétricas no rio Madeira: Reflexões sobre impactos ambientais e sociais. **Revista OIDLES**, v. 1, n.7, p. 1-10, 2009.

MORET, Artur de Souza; SILVA, Luciane Lima Costa e. O Rio Madeira, uma Sociedade e a Indústria de Energia: a construção das usinas hidrelétricas e os impactos e intervenções na sociedade. **Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamago**, v. 4, n.2, p. 11-31, 2010.

NORBERTO, Simone. **Mito e identidade em Nazaré**: uma leitura pós-colonial das manifestações culturais de uma comunidade ribeirinha. Porto Velho: Temática Editora, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia**: encruzilhada civilizatória. Tensões territoriais em curso. IPDRS: La Paz, 2018.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Articulando os espaços privado e público: gênero e famílias monoparentais femininas. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 9, n. 2, p. 30-42, 2010.

RAINEY, Steven; RAINEY, Maura. Perspectivas ribeirinha sobre os impactos da construção de usinas hidrelétricas no rio Madeira em Rondônia. **Confins**, n. 29, p. 1-24, 2016.

RAMOS, Jarbas Siqueira. O corpo-encruzilhada como experiência performativa no ritual congadeiro. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 2, p. 296-315, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Josué da Costa. **O Rio, a Comunidade e o Viver**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000 (USP, Tese, doutorado em Geografia Humana).

SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Identidade feminina: engendrando espaços e papéis de mulher. **Revista de Psicologia da IMED**, v.1, n.2, p. 192-209, 2009.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

Rúbia Elza Martins de Sousa – Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Professora do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Dourados.

Recebido para publicação em 18 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em 24 de outubro de 2023.

Publicado em 14 de dezembro de 2023.